

Chico da Carne era o dono do único açougue que havia em Cruz Branca do Meio. Nem era bem um açougue, porque tinha de um tudo, começando por aqueles rolos de fumo de corda pendurados nas ripas do telhado baixinho, mas lugar pra comprar carne era lá, e tinha muita coisa produzida na região mesmo, como frango caipira, galinha de angola, lingüiça e outras bondades de porco, como panceta, costelinha, lombo defumado e paio.

Magrinho, o Chico era vivo, simpático, cativava a freguesia, sabia os gostos de cada um, guardava para dona Zica todas as moelas dos frangos que matava, porque ela gostava demais; para o Pedro da venda guardava o coranchim, “vá gostar assim deste trem lá diante, sô”, mas guardava. E assim com cada freguês.

Agradava bastante o padre Zeca, que vinha a cada mês rezar uma missa na Igrejinha do Meio. Não tinha padre fixo lá, mas o Zeca vinha de longe com aquele barrigão dele, e ficava toda vez para o churrasco de alcatra e cupim que o Chico, generoso, lhe oferecia no ranchinho que tinha na beira do Córrego Minguado, pertinho da vila.

Padre Zeca gostava de ficar de prosa com Dona Dora, carola gordona depois dos 5 filhos que tivera com Chico, e então pesava prá lá de 6 arrobas... E era uma alegria para ela parolar com o padre porque o Chico, depois que ela tinha virado aquele bonde, não fazia mais gentilezas para ela. Jogar aqueles calores da cama, então, nem pensar. Chico tinha desanimado.

Mas, atencioso, no churrasco sempre ficava de papo com os dois bitelos, o padre e a mulher.

Até que um dia o padre resolveu fazer uma rifa pra melhorar a igreja, que estava caindo de um lado. Tinha ganho um Simca Chambord (era nos anos 60 do século passado) de um ricaço da capital que o padre salvou com alguma graça, e resolveu rifar o carro, azul e branco, moderno, câmbio na direção, pneu de faixa branca, uma beleza.

Chico detestava rifa. Detestava! Achava aquilo coisa besta, nunca iria ganhar, detestava. Gostava da Rita, isso sim, moreninha que cevou muito tempo com coração de frango, que ela apreciava e ele juntava para lhe dar de graça.

E tanto cevou que faturou. Começou a levar a Rita ao rancho pra comer espetinho de coração e acabou espetando o coração dela.

Zum zum logo correu e o padre Zeca ficou sabendo. Chamou Chico, conversou com ele, liso que nem lingüiça com mel, até que o padre insistiu muito para o Chico dizer que renunciava ao demônio nas coisas da carne: “Repete comigo Chico: eu renuncio ao demônio”. E o Chico, desconfiado:

- “Melhor não mexer com quem está quieto”

Mas voltemos a este assunto da época que o padre inventou a rifa. O Chico, louco pela Rita e detestando a rifa, topou só pra agradar o padre e se livrar da contrição.

E comprou duas em seu nome, deu uma pra Dona Dora gorda, outra pra Rita fininha.

Só podia acontecer o que aconteceu. Domingão festivo, todo o povo da vila, todo mundo mesmo, no jardim da igrejinha, mês de junho, festa junina, fogueira acesa, fim de tarde, o padre rodou o sorteio.

Adivinha quem ganhou: o Chico da Carne, claro, evidente, o padre cantou o nome do ganhador bem alto e claro. Dona Dora, feliz, aquele sorriso que derrubava seus dois quilos de bochechas, foi levar o bilhete para o padre conferir. Era o número 55. Ia alegre deslocando o ar com sua abundância.

Entregou o bilhete, e o padre, espantado: "o dono do bilhete é o Chico mesmo, mas o número é outro, é 56! Desculpe, amiga Dora, não é este."

Era o da Rita, claro, para isto existe a lei de Murphy. E por isto até hoje ela é chamada Rita da Rifa.